

Além dos significados específicos que têm nas áreas da teologia e da história das religiões, os termos “missão” e “missionação” provocam uma noção de movimento e modificação. De movimento, pois é preciso ir ao objeto da “missão” – seja este uma pessoa ou um grupo de pessoas – que pode estar mais perto ou mais longe, mas no geral, encontra-se distante do agente da “missão”. De modificação, pois o resultado da “missão” é uma mudança de convicções (religiosas, políticas, etc.) e, independente de como essa transformação intelectual possa ser avaliada, de forma positiva, como avanço e/ou progresso ou, de forma negativa, como regresso e/ou declínio, observa-se uma alteração de visão do mundo. As atividades missionárias, portanto, têm muito a ver com atividades pedagógicas e educacionais. A educação é praticada – *stricto sensu* – nas variadas instituições do ensino infantil ao superior, para a qual os agentes da educação, ou seja, os professores, têm que se locomover, e objetiva uma transformação dos educandos. Essa proximidade conceitual entre missão e educação, entre missionário/a e professor/a formam os alicerces desse Dossiê Temático, intitulado “Educação, Religião e Religiosidade nas terras de missão (séculos XV a XIX)”, na Revista Teoria e Prática da Educação, publicada pelo Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Este dossiê engloba, ao todo, seis artigos focalizando vários aspectos da ação missionário-educacional: representantes da Ordem do São Francisco (OFM) e da Companhia de Jesus (SJ), nomeadamente Vicente Rodrigues, Marcos Jorge, Inácio Martins, Antônio Ruiz de Montoya e Antônio Vieira, grupos específicos (escravos, indígenas) aos quais é dirigida a ação missionário-educacional, meios pedagógicos e didáticos aplicados no processo de ensino e aprendizagem (catecismos, teatro, música) e níveis diferente da educação, seja a educação básica (ler e escrever), seja a instrução profissional, entre outros.

No primeiro texto, intitulado “A serviço da Igreja e da Coroa – missionação, domesticação e colonização: os franciscanos e os gentios (1585-1619)”, Peter Johann Mainka, ligado à Julius-Maximilians-Universität de Würzburg/Alemanha (JMUW) e, atualmente, como professor visitante à Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC em Florianópolis, investiga a atuação dos membros da Ordem Franciscana, recém-chegada, institucionalmente, ao Nordeste do Brasil Colonial, a serviço da igreja e da Coroa. Os franciscanos contribuíram, por um lado, para a evangelização dos indígenas, defendendo os seus direitos e interesses, e, por outro lado, para todo o processo de conquista, de colonização e de expansão territorial, ao lado dos colonos brancos e das autoridades seculares.

O papel fundamental e estratégico dos catecismos no processo da evangelização é destacado nos dois artigos seguintes: enquanto Francisco António Lourenço Vaz da Universidade de Évora em Portugal, no seu texto, intitulado “Os jesuítas e o ensino do catecismo – a doutrina cristã do P. Marcos Jorge e de Mestre

Inácio” coloca no centro da sua análise o catecismo “Doutrina Cristã” (1566), escrito pelo padre Marcos Jorge e ampliado mais tarde pelo padre Inácio Martins, o outro texto, intitulado “Ensaio sobre catecismos: a instrução dos rudes no Brasil Colonial (século XVII e XVIII)” – redigido por Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista, e por Camila Nunes Duarte Silva e Maria Cleidiana Oliveira de Almeida ambas docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) – focaliza o catecismo “Forma da doutrina cristã”, estabelecido nas “Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia (1707), destinado aos escravos negros e que deveria ensiná-los, de modo mais abreviado, a doutrina católica e, sobretudo, a aceitação da escravidão e da sua posição servil.

Em seguida, Marisa Bittar e Amarílio Ferreira Júnior da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) tratam no seu artigo, intitulado “Adaptações e improvisações: a pedagogia jesuítica nos primeiros tempos do Brasil Colonial”, da prática pedagógica jesuítica nos séculos XVI e XVII. Focalizando as casas de ler e escrever, a instrução profissionalizante e o uso de música e teatro como meios pedagógicos, os dois autores chegam à conclusão de que ao contrário da ideia inicial de impôr o padrão europeu-ocidental no Brasil Colonial, foram necessárias adaptações do modelo europeu, inclusive soluções de improviso, dependendo do respectivo contexto.

No quinto artigo, intitulado “A ação missionária do Padre Antônio Ruiz de Montoya no Guaíra no início do século XVII” com base na sua obra “Conquista Espiritual” (1639), Marli Delmônico de Araújo Futata e César de Alencar Arnaut de Toledo da Universidade Estadual de Maringá (UEM) discutem as consequências da estratégia missionária dos jesuítas para realizar a conversão dos indígenas nas suas reduções. Partindo da atuação dos inacianos na região do Guaíra, localizado, atualmente, no Estado brasileiro do Paraná e pertencente no século XVII à América Espanhola, os autores chegam a uma avaliação ambígua: o sistema de reduções favoreceu, por um lado, a catequese dos indígenas, por outro lado, porém, os indígenas reduzidos e agrupados nas aldeias da Companhia de Jesus se tornaram também alvos de fácil alcance para os colonizadores e bandeirantes paulistas, que, em 1631, de fato destruíram, as reduções no Guaíra.

O presente dossiê temático é terminado por um texto de Luiz Fernando Conde Sangenis da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), intitulado “Santo Antônio e seus muitos nomes: mitologia afro-brasileira e educação popular”. Partindo da ampla presença do Santo Antônio de Lisboa na cultura popular do Brasil, sob nomes variados e em contextos religiosos diferentes, o autor se debruça com os sincretismos entre o catolicismo, os candomblés e as macumbas, refletindo a existência deste santo nos mitos católico, africano e indígena.

Os seis artigos reunidos neste Dossiê Temático representam pesquisas atuais, realizadas nas áreas da educação, da história ou áreas vizinhas. Por um lado, eles conseguem fechar algumas lacunas do

conhecimento histórico, por outro lado, eles abrem novas portas e perspectivas, colocando novas questões e problemas a serem investigados – bem característico para o processo inacabado de pesquisa e indagação.

Completam este número, mais quatro artigos submetidos à revista em demanda contínua: em “Educação Sexual, sexualidade e deficiência: o que relatam as pesquisas de pós-graduação”, Beatriz Alves e Karine Helena Moraes apresentam resultados de uma pesquisa que analisou a temática da educação sexual, sexualidade e deficiência, em teses e dissertações defendidas no período de 2007 a 2017. Em “Grupos e relações de sociabilidades entre adolescentes no ensino médio: hierarquia e cor”, Wilma de Nazaré Baía Coelho e Carlos Aldemir Farias da Silva objetivam discutir como adolescentes se agrupam e como se desenvolvem as relações de sociabilidades na escola de Ensino Médio, como chaves para a interpretação da leitura que fazem da hierarquia da cor e a forma como nela se percebem. Helen Cristina Ferracioli e Célia Regina Vitaliano, em “Arte-educação e educação especial na perspectiva da educação inclusiva: uma pesquisa bibliográfica”, investigam a produção sobre estas temáticas, no decênio 2007-2016, nas plataformas DIALNET, Portal de Periódicos CAPES/MEC e Educational Resources Information Center (ERIC). Por fim, Elizângela Áreas Ferreira Almeida e Eliane Giachetto Saravali analisam, com base no referencial piagetiano, concepções de estudantes de 8º ano do ensino fundamental sobre questões étnico-raciais, história e cultura africana, no artigo intitulado “As noções étnico-raciais e o currículo escolar de Língua Portuguesa: uma proposta de intervenção pedagógica”.

Agradecemos a todos que contribuíram para a realização deste número, em especial a seus autores, e desejamos que os artigos aqui reunidos possam suscitar novas e profundas reflexões no campo da Educação. Boa leitura!

Peter Johann Mainka

Julius-Maximilians-Universidade de Würzburg/Alemanha (JMUW)

Flávio M. M. Ruckstadter

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

